

A presença das bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas na cultura brasileira

*Tarcisio Matos de Andrade
Carlos Geraldo D'Andrea (Gey) Espinheira*

A história do álcool

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, no início da colonização, descobriram o costume indígena de produzir e beber uma bebida forte, fermentada a partir da mandioca, denominada cauim. Ela era utilizada em rituais, em festas, portanto, dentro de uma pauta cultural bem definida. Os índios usavam também o tabaco, que era desconhecido dos portugueses e de outros europeus.

No entanto, os portugueses conheciam o vinho e a cerveja e, logo mais, aprenderiam a fazer a cachaça, coisa que não foi difícil, pois para fazer o açúcar a partir da cana-de-açúcar, no processo de fabricação do mosto (caldo em processo de fermentação), acabaram descobrindo um melaço que colocavam no cocho para animais e escravos, denominado de "Cagaça", que depois veio a ser cachaça, destilada em alambique de barro e, muito mais tarde, de cobre.

A cachaça é conhecida de muito tempo, desde os primeiros momentos em que se começava a fazer do Brasil, o Brasil. O açúcar, para adoçar a boca dos europeus, como disse o antropólogo Darcy Ribeiro, da amargura da escravidão; a cachaça para alterar a consciência, para calar as dores do corpo e da alma, para açoiar espíritos em festas, para atizar coragem em covardes e para aplacar traições e ilusões. Para tudo, na alegria e na tristeza, o brasileiro justifica o uso do álcool, da branquinha à amarelinha, do escuro ao claro do vinho, sempre com diminutivos.

Qual é o lugar do álcool e das outras drogas em nossa cultura?

"Parece improvável que a humanidade em geral seja algum dia capaz de dispensar os 'paraísos artificiais', isto é, a busca de auto transcendência através das drogas ou... umas férias químicas de si mesmo... A maioria dos homens e mulheres levam vidas tão dolorosas - ou tão monótonas, pobres e limitadas, que a tentação de transcender a si mesmo, ainda que por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais apetites da alma."

(Aldous Huxley, escritor inglês)

"Porque os homens são mortais e não podem se habituar a essa idéia, o néctar e a ambrosia são fantasmas encontrados em todas as civilizações. Plantas mágicas, bebidas divinas, alimentos celestiais que conferem imortalidade, as invenções são múltiplas e todas, na falta de sucessos práticos, expressam e traem o terror diante da inevitável necessidade."

(Michel Onfray, filósofo francês)

Não depende sempre da vontade o desejo de beber, pelo menos em muitos casos. Antes, é uma imposição; um estranho e imperioso chamado como a suavidade do canto de sereia que encanta, enfeitiça e enlouquece. Mas, nada é tão simples assim, a bebida está bem entranhada na cultura brasileira. O hábito de beber faz parte da nossa maneira de ser social. Sendo assim:

- Cada povo, cada grupo social, cada pessoa tem a sua condição de responder a determinados estímulos produzidos em seu meio, ou externos a ele. Em outros termos, podemos dizer que temos uma pauta cultural em que as coisas são normalmente dispostas. Por exemplo, o licor na festa de São João, o vinho no Natal, a cerveja no carnaval e assim por diante, não que sejam exclusivas, mas as mais representativas de cada uma dessas festas.
- A cachaça é a bebida mais íntima da população, porque é de baixo custo, na maioria dos casos, e com pouco dinheiro pode-se beber o suficiente para perturbar-se e perturbar a todos os que estiverem à volta.

- É a forma social e individual de beber que está em jogo, quando se fala em consumo de álcool, já que há uma larga disposição social para consumi-lo na formas das mais diversas bebidas - destiladas ou fermentadas, fortes ou fracas.

É preciso ver o álcool no conjunto da vida social e não só na das pessoas, e sobretudo, não só em si mesmo, como muita gente o faz, ou seja, considera o álcool um agente autônomo e o culpa por suas conseqüências, como se fosse um ser animado que agisse por conta própria.

No sentido oposto, é preciso ver a disposição social para o consumo de drogas e se perguntar: por que as pessoas procuram as drogas? Por que as pessoas bebem? E, também perguntar: se usam drogas, e dentre elas o álcool, por que as consomem desta ou daquela maneira? Moderada ou abusivamente?

Por que será que sob o efeito da mesma quantidade de álcool, algumas pessoas ficam alegres, outras ficam agressivas ou mesmo violentas? Por que será que um derivado opióide como a meperidina, por exemplo, para algumas pessoas é apenas um analgésico potente e para outras, além desse efeito, é uma fonte de prazer a ser buscada de forma repetida? E ainda: por que uma mesma pessoa sente de maneira diferente os efeitos de uma mesma droga, em diferentes circunstâncias e contextos? Por que uma droga alucinógena, quando utilizada no contexto de um ritual religioso, tem muito menos efeito perturbador da consciência do que quando usada com outros propósitos?

O que se pode concluir daí, e que tem sido apontado por estudiosos do assunto, é que os efeitos de uma droga dependem de três elementos:

- suas propriedades farmacológicas (excitantes, depressoras ou perturbadoras);
- a personalidade da pessoa que a usa, suas condições físicas e psíquicas, inclusive suas expectativas;
- o conjunto de fatores ligados ao contexto de uso dessa droga, tais como as companhias, o lugar de uso e o que representa esse uso socialmente.

Embriaguez e o Alcoolismo

Quando uma pessoa perde o controle sobre a ação de beber ela se torna objeto da bebida, que perturba a consciência para além do domínio que a pessoa tem de si mesma. Eis a embriaguez em sua forma mais simples, uma leitura sem preconceitos, mas ao mesmo tempo carregada com tintas muito fortes, porque nem todos os que bebem são dominados pela bebida, embora não se deva esquecer o quanto as bebidas acendem as paixões.

Entretanto, quando o álcool não é utilizado para aumentar a espirituosidade, mas para incentivar, encorajar ou consolar amargura, ele se torna um poderoso fator de desorganização do sujeito como ser social, isto é, para além de si como indivíduo e de suas relações com os outros, com os íntimos e com os de cerimônia. Quando advém a embriaguez e, com a freqüência do uso, o alcoolismo, toda a magia da bebida é substituída pela perversidade da forma como ela é consumida.

VOCÊ SABIA?

Uma das formas eficazes empregadas para a desorganização de determinados povos indígenas foi a introdução da aguardente.

Alcoólatra e Alcoolista

É muito importante recordar que normalmente as pessoas se tornam conhecidas pelo que fazem, ou seja, pela profissão que exercem. Se você trabalha, é um trabalhador ou uma trabalhadora; se você só estuda, é um estudante ou uma estudante e assim por diante. Uma pessoa que bebe com alguma frequência é um bebedor ou uma bebedora, mas sabemos que estes termos não são muito freqüentes, e em seu lugar vem a denominação de bêbado ou bêbada.

Alcoólatra

O termo alcoólatra confere uma identidade e impõe um estigma, que anula todas as outras identidades do sujeito, tornando-o tão somente aquilo que ele faz e que é socialmente condenado, não pelo que faz, mas pelo modo como o faz. Em outros termos, não é a bebida em si, mas aquela pessoa que bebe mal, isto é, de modo abusivo, desregrado, que a leva à condição de ser socialmente identificada popularmente como "alcoólatra", ou seja, quem "idolatra", "adora" e se tornou dependente do álcool.

Alcoolista

Este termo foi proposto por alguns pesquisadores como uma alternativa menos carregada de valorização, isto é, de estigma. Segundo eles, isto não reduziria a pessoa a uma condição, como a de alcoólatra, mas o identificaria como uma pessoa que tem como característica uma afinidade com alguma coisa, com alguma idéia.

Por exemplo, uma pessoa que torce no futebol pelo Flamengo é flamenguista; se estiver inscrito no partido PFL é pefelista, e assim por diante. É uma característica, mas não reduz o indivíduo a ela, como uma identidade única e dominante. Eis porque seria preferível designar uma pessoa como alcoolista e saber que ele é, ao mesmo tempo, muitas outras coisas, inclusive alguém que pode deixar de ser dependente de álcool. Isto ajudaria esta pessoa a não ser estigmatizada, reduzida a uma única condição.

Apesar desta argumentação, em português, os termos "alcoólatra" e "alcoolista" continuam a serem usados, quase que indistintamente, por diferentes autores, mas sempre equivalendo a "dependente de álcool". Esta seria a expressão mais adequada cientificamente. O termo "alcoólico" não é muito adequado, pois na língua portuguesa significa "o que contém álcool", mas muitas vezes é empregado devido à semelhança com a palavra inglesa "alcoholic", que além deste mesmo significado é também usada para referir-se a quem é dependente de álcool.

Outras drogas

Maconha

O uso de maconha, com propósitos medicinais, data de 2.700 a.C. Largamente utilizada na Europa com este propósito, durante os séculos XVIII e XIX, ela foi introduzida no Brasil pelos escravos africanos e foi difundida também entre os indígenas, sendo no início usada com propósitos medicinais e nas atividades recreativas como a pesca e nas rodas de conversa, nos finais de tarde. Nos Estados Unidos, ela já era conhecida pelos índios quando os mexicanos a trouxeram para aquele país.

No Brasil, no final do primeiro quarto do século XX, segundo descrição de Pernambuco-Filho & Botelho, distinguiam-se duas classes de "vícios": os "vícios elegantes" que eram o da morfina, da heroína e da cocaína, consumidos pelas elites (branca, em sua maioria) e os "deselegantes", destacando-se o alcoolismo e o maconhismo, próprios das camadas pobres, em geral, formadas por negros e seus descendentes. Segundo esses mesmos autores, não tardou para que o produto (a maconha) trazido da África viesse a "escravizar a raça opressora". Estas afirmações mostram, além da origem da maconha no país que, já naquela época, ocorria a difusão do seu consumo por todas as classes sociais. Este é um fato incontestável diante da realidade nacional, entretanto permanece no imaginário social a associação "pobre - preto - maconheiro - marginal - bandido" traduzida nas ações policiais dirigidas às pessoas autuadas pelo porte de maconha, que na periferia das grandes cidades são muito mais severas do que nas áreas mais ricas e socioeconomicamente mais favorecida.